



PROGNÓSTICO MANDIOCA

Novembro/2018

Dentre os alimentícios, a cultura da mandioca vem ocupando lugar de destaque em vários países. Entretanto, segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO, a produção de alimentos básicos tem apresentado um crescimento menor se comparando ao aumento populacional.

Com vistas à redução da fome, em especial nas Regiões de renda mais baixa, a FAO vem alertando sobre a necessidade de aumentar a produção de alimentos básicos. Neste universo estão considerados o arroz, feijão, batata e também a mandioca. Cabe destacar a sua importância no Continente Africano, onde nas últimas décadas a mandioca representa mais de 50% da produção mundial e com tendência de contínuo crescimento para os próximos anos.

Segundo as últimas informações censitárias a população mundial já está se aproximando de 7 bilhões e quinhentos milhões de pessoas, o que evidentemente é motivo de muita preocupação para se chegar ao equilíbrio de oferta e demanda de alimentos. Dados da FAO confirmam que a Agricultura Familiar é a forma predominante na produção de alimentos, compreende cerca de 70% das propriedades agrícolas e tem importante papel socioeconômico, ambiental e cultural.

No Brasil, segundo o censo agropecuário do IBGE, esse segmento de Agricultura Familiar corresponde a 84% das propriedades e ocupa 24% da área agrícola brasileira, sendo responsável por 84% da produção de mandioca e 70% de feijão. Portanto, a agricultura familiar precisa de uma atenção especial por parte dos órgãos oficiais no sentido de facilitar cada vez mais o acesso à tecnologia e outros instrumentos necessários ao constante aumento na produção de alimentos.

Com base nos dados da FAO, a produção mundial de mandioca vem aumentando. O crescimento é contínuo, porém o maior destaque foi registrado no período de 2010 a 2014 quando apresentou um aumento de 13,7% passando de 241,3 milhões para 274,3 milhões de toneladas de raiz. Este aumento foi alcançado principalmente nos países africanos, onde a cultura de mandioca se tornou em alimento de segurança nacional. Este fator aliado a maior resistência às intempéries climáticas, como as frequentes secas,



facilitam a propagação de plantios de mandioca em terras africanas. Em 2016, último dado disponível, a produção mundial situou-se em 277,1 milhões de toneladas, praticamente igual ao ano anterior, com apenas 1,8% de aumento.

Conforme já mencionado a grande maioria da produção de mandioca é oriunda de agricultura familiar. No continente africano as pequenas propriedades também são responsáveis pelo maior volume de produção. A Nigéria continua sendo o maior produtor africano e mundial de mandioca e ainda registra significativos índices de crescimento durante os últimos anos.

Os dados disponibilizados pela FAO indicam uma produção nigeriana de 57,1 milhões de toneladas de mandioca em 2016. Este resultado significa um avanço de 34% em relação a 2014, ainda, se comparado ao ano de 1970, quando a Nigéria produzia apenas 10 milhões de toneladas, esse volume equivale a 460% de aumento. Com essa posição a Nigéria representa 36% do continente africano e cerca de 20% do total de mandioca produzida no mundo. Também vale mencionar a Gana que aparece em segundo lugar na produção africana, porém com um enorme potencial na ampliação o de seus cultivos nos próximos anos.

Nos países africanos a produção de mandioca geralmente é consumida “in natura”, a industrialização praticamente não existe e a comercialização normalmente se processa nas feiras livres e quitandas. A mandioca é consumida em larga escala nestes países e a sua utilização dá-se nas mais diversas formas, como: cozida, farinha, bijús e ainda através de molhos a partir das folhas.

Já na Ásia, a cultura da mandioca conseguiu um extraordinário avanço, tanto no setor agrícola como no industrial. Neste aspecto destacam-se a Tailândia e a Indonésia que possuem vários órgãos de pesquisa agrícola e industrial. Diante deste comportamento, é nítida a evolução em todos os elos da cadeia produtiva da mandioca, nestes países. Um dos resultados já alcançados, em especial na Tailândia é a produtividade agrícola que gira em torno de 21.000 kg/ha contra 13.000 kg/ha na maioria dos países africanos.

Além do avanço no setor agrícola, a Ásia construiu grandes plantas industriais de fécula e de “pellets”, visando essencialmente o mercado internacional. Assim sendo, a produção de mandioca se destina principalmente à industrialização destes dois produtos, ao contrário da África onde a produção se destina basicamente ao consumo humano.

A produção de mandioca asiática se concentra basicamente na Tailândia e na



Indonésia, que juntas alcançaram 51,8 milhões de toneladas ou 58% do total nacional no ano de 2016. A Tailândia investiu pesados recursos na cultura, construiu muitas e grandes indústrias e assumiu a liderança na produção e exportação mundial de fécula e de “pellets”. Durante os 3 últimos anos a produção tailandesa gira em torno de 31 milhões de toneladas e embora esse resultado seja estável, a sua liderança nas exportações representa cerca de 85% do mercado internacional. O volume exportado gira em torno de 2 milhões de féculas, para vários países da União Europeia e também para a China. Ao contrário da África e da Ásia, a América do Sul que liderou a produção de mandioca na década de 70, não apresentou evolução neste período e até reduziu a sua contribuição. O Brasil foi o principal responsável por esta queda, uma vez que em 1970 a produção brasileira registrou 30 milhões de toneladas e apenas 21 milhões de toneladas em 2016. Com este resultado, tanto a América Latina como o Brasil reduziram a sua participação no total mundial de 30% para 10%.

É importante mencionar que na América do Sul, o Brasil é o principal produtor e responsável em média de 75% da produção de mandioca em raiz. Entretanto, a produção brasileira ficou estagnada e nos últimos 7 anos a média está em torno de 23 milhões de toneladas contra 30 milhões de toneladas em 1970. Esta redução baseia-se em dois fatores principais: a redução do consumo animal, principalmente pela suinocultura, hoje substituída pelas rações balanceadas e o mercado dos produtos industrializados como fécula e farinha que também é limitado. A saída mais sensata seria a ampliação do mercado internacional através das exportações de fécula. (Tabela – 1)



**TABELA – 1 PRODUÇÃO MUNDIAL DE MANDIOCA EM RAIZ, PRINCIPAIS PAÍSES
(MILHÕES DE TONELADAS)**

PAÍSES	1970	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	PART.%
África	40,5	134,4	141,2	138,9	144,2	146,8	154,4	157,2	57,2
Nigéria	10,2	42,5	46,2	51,0	47,4	56,3	57,6	57,1	20,8
Congo	10,3	15,0	15,0	16,0	16,5	13,0	13,3	13,6	5,0
Gana	1,5	13,5	14,2	14,5	16,0	17,7	17,2	17,7	6,4
Outros	18,5	63,4	65,8	57,4	64,3	59,8	66,3	68,8	25,0
Ásia	23,1	75,0	80,5	89,0	88,6	90,1	89,4	89,2	32,5
Tailândia	3,2	22,0	21,9	29,8	30,2	30,0	32,3	31,1	11,3
Indonésia	10,7	24,0	24,1	24,2	23,9	23,4	21,8	20,7	7,5
Outros	9,2	29,0	34,5	35,0	34,5	36,7	35,3	37,4	13,6
América do Sul	35,5	31,9	31,8	30,5	30,5	30,6	30,4	28,3	10,3
Brasil	30,0	25,0	25,4	23,0	21,5	23,2	23,0	21,0	7,6
Outros	5,5	6,9	6,4	7,5	9,0	7,4	7,4	7,3	2,7
Total	99,1	241,3	253,5	258,4	263,3	267,5	274,2	274,7	100,0

FONTE: FAO, SEAB/DERAL

PANORAMA NACIONAL

Nas duas últimas décadas houve uma acentuada transformação na agricultura brasileira, com notórios avanços na produção de grão, e uso de tecnologias de ponta, o que coloca o país em igualdade com as nações mais evoluídas. No campo da pesquisa, destaca-se a genética das sementes, as práticas conservacionistas do solo, adubação adequada a assistência técnica, a disponibilidade de crédito e o uso de máquinas adequadas, elevaram o país aos patamares dos melhores produtores mundiais.

Vale destacar o grande avanço na produtividade alcançada na milho, em especial



no Paraná que nos últimos 10 anos passou de 3.800 kg/ha para 8.000 kg/ha. O mesmo resultado também foi registrado para a soja que alcançou 3.700 kg/ha e a cevada com 4.900 kg/ha na safra de 2016/17. Com os excelentes resultados obtidos, observa-se o avanço das lavouras mecanizadas, ocupando áreas maiores e conquistando novas fronteiras em outros estados, como Mato Grosso, Rondônia e por último o chamado MATOPIBA. Este rápido crescimento da mecanização e a incorporação de grandes áreas vem em detrimento às culturas destinadas ao mercado interno ou de cesta básica.

No Paraná ocorreu uma expressiva mudança com a migração do café e do algodão para o Brasil Central e deram lugar principalmente para a cultura da soja. Com a migração dessas duas culturas, houve uma acentuada redução de mão de obra no campo, o que evidentemente vem comprometendo a exploração de culturas menos mecanizadas, como a mandioca e o feijão.

Essas mudanças na agricultura brasileira vem contribuindo para a estagnação ou até redução na produção dos produtos de cesta básica. Neste contexto está inserida a cultura da mandioca que há vários anos ocupa menos de 2 milhões de hectares e a produção não ultrapassa a 24 milhões de toneladas.

O Brasil após a década de 70 quando produziu cerca de 30 milhões de toneladas, perdeu a hegemonia para a Nigéria, na sequência cedeu o 2º e o 3º lugar para a Indonésia e a Tailândia. A produção brasileira de mandioca para a safra de 2017/18 está estimada em 20.989.000 toneladas. Este resultado será ligeiramente superior ao do ano passado e a principal motivação foi a alta dos preços registrados durante os dois últimos anos.

Além dos fatores já mencionados, a característica da mandiocultura brasileira é o seu consumo voltado basicamente ao mercado interno e com pouca expressão no mercado internacional, o que fragiliza com facilidade os preços quando a produção atinge maiores volumes. Esta situação ocorreu no ano de 2015, quando os preços da farinha e da fécula registraram cotações inferiores aos valores dos preços mínimos garantidos pelo Governo Federal. Nesta ocasião a companhia a Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB adquiriu através da AGF parte desses produtos.



PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS NO BRASIL

É muito difícil encontrar uma região do Brasil que não cultive mandioca, mesmo que seja em escala familiar ou de fundo de quintal. A produção brasileira se concentra na Região Norte com 35%, Nordeste 25% no Sul 24% Sudeste 10% e Centro-Oeste com 6%. Pelo fato do Nordeste enfrentar secas bastante repetitivas, a participação na produção reduziu e a Região Norte ocupa a liderança Nacional. Essas Regiões guardam a semelhança no tocante às centenas de farinheiras e praticamente toda a produção se destina ao consumo humano. No Sul e Sudeste, em especial no Paraná, Mato Grosso do Sul e São Paulo predominam as indústrias de grande porte de fécula e de farinha e o consumo humano é reduzido.

Na Região Norte, o Estado do Pará é o líder absoluto na produção brasileira de mandioca. Participa em média de 20% na produção nacional e cerca de 50% do volume produzido na Região Norte do País. A cultura da mandioca é muito significativa naquele Estado, uma vez que desempenha forte influência socioeconômica do seu povo. Emprega grande quantidade de mão de obra nos setores agrícola, nas casas de farinha familiares e também no comércio. A capital de Belém se constitui no maior centro de comercialização dos mais diversos produtos como farinha, tapioca e vários molhos a partir das folhas. Com essa diversidade de produção a mandioca representa um importante componente da cesta básica do povo paranaense. Assim sendo, o Estado do Pará apresenta o maior consumo “per capita” de farinha, estimado em 35 kg/ano.

No Nordeste, a cultura da mandioca também desempenha papel fundamental na alimentação de um grande contingente populacional. Com destaque para os Estados da Bahia, Maranhão e Ceará que juntos representam cerca de 70% da produção nordestina. Os Estados que compõem esta Região sofrem com frequentes secas e a sua produção normalmente não atende a demanda, o que é complementado com as importações, geralmente do Paraná, Santa Catarina e do Pará.

Os Estados do Nordeste também concentram grande quantidade de indústrias de farinha e também a exemplo do Norte não possuem fecularias. Vale destacar o Estado da Bahia que além de maior produtor, também sedia o Centro Nacional de Pesquisa de Mandioca e Fruticultura da EMBRAPA. Este centro vem desenvolvendo várias pesquisas de suma importância para a cultura da mandioca.



Já a Região Sudeste, que embora tenha uma participação menor na produção agrícola, tem contribuído fortemente na organização da cadeia produtiva da mandioca. O estado de São Paulo não é o principal produtor, porém é o mais importante em termos de pesquisa, como Instituto Agrônomo de Campinas – IAC, a Universidade Estadual de São – UNESP e o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA / ESALQ. O Estado de São Paulo também concentra importante mercado, principalmente pelo fato de acolher muitas pessoas de outros estados e com hábito de consumo de farinha de mandioca.

A Região Centro-Oeste é a mais recente, conta com alguns empresários que migraram do Paraná e de Santa Catarina, em busca de melhores oportunidades no Estado do Mato grosso do Sul. Este Estado já se tornou o 2º produtor de fécula e possui um forte potencial de crescimento para os próximos anos. Já no Mato Grosso a mandioca é inexpressiva e as grandes extensões de terras são ocupadas com a cultura da soja, milho e algodão. Em função destes grandes plantios mecanizados e a alta escassez de mão de obra no campo, o cultivo de mandioca não deverá se expandir, restringindo-se aos pequenos plantios para atender ao consumo humano e animal. (Tabela-2)

TABELA-2 MANDIOCA – PRINCIPAIS ESTADOS – ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE 2017/2018

REGIÕES/ESTADOS	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (1000 t)	PRODUTIVIDADE	PARTICIPAÇÃO
NORTE	760	7.400	9.737	35,2
PARÁ	551	4.095	7.432	19,5
AMAZONAS	95	842	8.863	4,0
ACRE	39	1.057	27.103	5,0
OUTROS	75	1.406	18.747	6,7
NORDESTE	922	5.242	5.686	25,0
BAHIA	251	1.828	7.283	8,7
MARANHÃO	282	1.274	4.518	6,1
CEARÁ	125	466	3.728	2,2
OUTROS	264	1.674	6.341	8,0
SUL	233	5.000	21.459	23,8
PARANÁ	142	3.576	25.984	17,0



RIO G. DO SUL	70	1.003	14.329	4,9
SANTA CATARINA	21	421	20.048	2,0
REGIÕES/ESTADOS	ÁREA	PRODUÇÃO	PRODUTIVIDADE	PARTICIPAÇÃO
	(ha)	(1000 t)		
SUDESTE	165	2.152	13.043	10,3
MINAS GERAIS	82	819	9.988	3,9
SÃO PAULO	62	1.069	17.242	5,1
OUTROS	21	264	12.572	1,3
CENTRO OESTE	74	1.195	16.169	5,7
MATO GROSSO DO SUL	33	725	21.970	3,4
MATO GROSSO	22	291	13.227	1,4
OUTROS	19	179	9.421	0,9
BRASIL	2.154	20.989	9.684	100,0

Fonte: IBGE, SEAB/DERAL

PRODUÇÃO BRASILEIRA DE FÉCULA

Segundo o levantamento anual realizado pelos técnicos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA/ESALQ, a produção brasileira de fécula de mandioca foi de 410.890 toneladas em 2017 contra 616.000 toneladas em 2016. Este levantamento também confirma a grande concentração das indústrias de fécula no Estado do Paraná, que conta com 42 unidades de um universo de 71 existentes no País. As 42 fecularias representam 59% das indústrias e 69 % da capacidade instalada que atingiu, em 2017, 20.693 toneladas de raiz/dia.

O processo de industrialização, no Paraná, iniciou-se na década de 80, logo após as geadas que ocorreram em grande intensidade, dizimando os cafezais e liberando áreas em pequenas propriedades. Neste momento os pequenos proprietários optaram por uma cultura nova, a mandiocultura, cujo plantio já existia porém em pequena escala. Paralelamente ao fenômeno das geadas houve uma migração de empresários catarinenses ao Paraná, motivados pela melhor produtividade das terras e pelas facilidades que alguns prefeitos ofereciam na instalação de indústrias.



As melhores atrações para a vinda de novos empresários ocorreram nos Núcleos Regionais de Paranaíba, Umuarama, Campo Mourão e Toledo. Evidentemente que nestes Núcleos Regionais já existiam algumas indústrias de fécula e várias farinhas. Este foi o ponto de partida e nas próximas décadas este segmento apresentou uma forte evolução e, atualmente, o Paraná conta com a maior e o mais moderno parque industrial do País.

A produção brasileira de fécula ao longo da série histórica de 28 anos, registrou um crescimento contínuo, chegou ao seu auge nos anos de 2002 com 667.000 toneladas e 755.000 toneladas em 2015. Porém, esta sequência foi interrompida e o volume produzido no ano passado é 45% menor, comparativamente ao record obtido em 2015.

Esta redução registrada nos dois últimos anos deve-se basicamente a uma menor oferta de mandioca às fecularias. Como os preços da farinha também estavam atrativos, desencadeou-se uma acirrada disputa entre as indústrias, o que resultou em menor oferta de matéria-prima para a produção de fécula. Este fato é mais marcante no Paraná que é o principal produtor de fécula, mas também em épocas de redução de safras nordestinas, produz grandes quantidades de farinha para atender aquele mercado.

Ao longo dos anos, o Paraná continua liderando na produção brasileira de fécula, cuja participação média é da ordem de 65% e nas safras maiores atinge até 70%. Na sequência o Mato Grosso do Sul, São Paulo e em menor escala a Bahia e Santa Catarina. Destes destaca-se o Mato Grosso do Sul que vem evoluindo na participação da produção de fécula e dada a disponibilidade de terras, acredita-se que possui boas condições para a evolução nos próximos anos. (Tabela 3 e Gráfico-1)

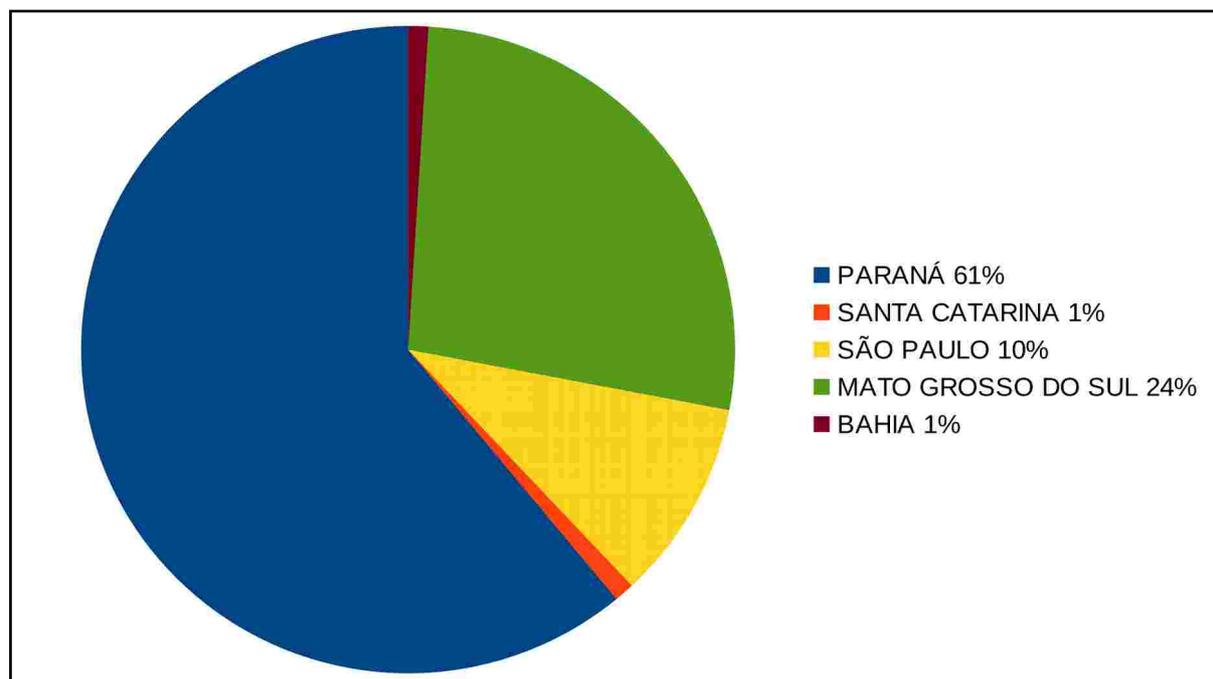


TABELA-3 PRODUÇÃO DE FÉCULA NOS ESTADOS

ESTADOS	2013		2014		2015		2016		2017	
	PROD.(t)	%	PROD. (t)	%	PROD. (t)	%	PROD.(t)	%	PROD. (t)	%
PARANÁ	333.360	70,4	450.150	69,8	520.070	68,8	419.370	68,1	249.640	60,8
M.G.DO SUL	94.740	20,0	133.630	20,7	184.940	24,5	145.370	23,6	112.250	27,3
S.PAULO	40.480	8,5	52,820	8,2	43.410	5,7	49.420	8,0	39.200	9,5
S.CATARINA	2.360	0,5	5.480	0,8	2.450	0,3	1.700	0,3	4.040	1,0
BAHIA	1.600	0,3	1.600	0,2	4.530	0,6	-	-	5.750	1,4
PARÁ	1.500	0,3	1.500	0,2	-	-	-	-	-	-
BRASIL	474.040	100,0	645.180	100,0	755.410	100,0	616.230	100,0	410.890	100,0

FONTE: CEPEA, SEAB/DERAL

GRÁFICO 1 – PRODUÇÃO DE FÉCULA NOS ESTADOS 2017 EM %



FONTE: CEPEA, SEAB/DERAL

DEMANDA BRASILEIRA DE FÉCULA



Conforme dados demonstrados pelos levantamentos do CEPEA, pode-se afirmar que praticamente toda a produção brasileira de fécula é consumida pelo mercado interno, uma vez que as exportações são insignificantes. Assim sendo, em boa parte da série histórica desta pesquisa, observa-se que na maioria dos anos houve certo equilíbrio entre a oferta e a demanda deste produto. À execução de algumas safras de frustração nos estados nordestinos, provocando maior produção de farinha em detrimento da fécula. Nestes casos os empresários brasileiros recorrem às importações, geralmente do Paraguai e da Tailândia.

A fécula é utilizada em vários produtos, no entanto, destacam-se a indústria de papel e papelão, os frigoríficos, a indústria alimentícia, a química e a textil. Nos últimos 3 ou 4 anos o mercado de tapioca vem apresentando uma excelente oportunidade, o consumo está aumentando e o mais importante é a demanda pelo produto nas regiões Sul do país que praticamente não tinham o hábito de consumo a mandioca. (TABELA- 4)

TABELA – 4 – PRINCIPAIS COMPRADORES DE FÉCULA-2012/2017

SETORES	2012	2013	2014	2015	2016	2017
PANIFICAÇÃO	18,6	21,3	21,5	25,4	22,8	27,7
ATACADISTAS	25,0	24,3	21,3	19,1	18,9	19,6
PAPEL/PAPELÃO	15,8	10,1	18,8	16,5	8,9	5,4
FRIGORÍFICOS	13,2	16,7	11,4	12,3	17,6	16,2
OUTRAS FECULARIAS	5,2	4,0	8,2	12,4	6,0	5,0
VAREJISTAS	7,6	10,6	6,6	3,6	7,3	6,2
TÊXTIL	3,7	4,9	4,2	1,9	2,6	2,7
IND.QUÍMICA	4,7	1,9	1,4	2,7	5,2	1,6
OUTROS	5,6	5,8	6,1	5,8	9,8	1,9
EXPORTAÇÃO	0,6	0,4	0,5	3,0	0,9	0,4

FONTE: CEPEA, SEAB/DERAL



A Tailândia continua sendo o maior produtor e o principal exportador mundial de fécula de mandioca. Aquele País detém cerca de 80% do mercado internacional, exporta principalmente para a União Europeia e excepcionalmente o Brasil também complementa a sua demanda com importação do produto tailandês.

Nos últimos 5 anos, o Brasil marcou presença com maior volume no mercado internacional apenas em 2015, quando a produção foi um recorde de 755.000 t e foram exportadas 22.650 toneladas, ou 3% do total produzido.

Ressalta-se também que naquele ano as exportações brasileiras de fécula renderam pela primeira vez um considerável valor que superou os dez milhões de dólares. (TABELA – 5)

TABELA – 5 PRINCIPAIS ESTADOS EXPORTADORES DE FÉCULA

ESTADOS	2014		2015		2016		2017		2018	
	t	US\$ (1000)	t	US\$ (1000)	t	US\$ (1000)	t	US\$ (1000)	t	US\$ (1000)
PARANÁ	2.605	2.734	11.540	5.803	5.688	3.687	2.607	2.776	1.448	1.442
SÃO PAULO	166	363	6.920	2.922	816	641	341	305	202	185
M.G.DO SUL	2.153	1.172	2.044	940	5.506	2.616	538	514	248	255
S. CATARINA	1.016	1.184	956	706	1.281	940	763	878	347	440
OUTROS	37	74	138	213	91	185	165	286	143	203
BRASIL	5.977	5.527	21.598	10.584	13.382	8.069	4.414	4.759	2.388	2.625

FONTE:MDIC/SECEX,SEAB/DERAL



PANORAMA ESTADUAL

No Paraná, a cultura da mandioca consolidou-se a partir dos anos 75, com a geada que dizimaram os cafezais e com a transferência de grandes indústrias de fécula e farinha de Santa Catarina. Com a liberação das áreas de café principalmente em pequenas propriedades, os plantios de mandioca foram ocupando espaço e viabilizaram uma excelente opção diante de uma tradicional cultura que momentaneamente estava condenada pelas geadas.

Dê fato, aquele ano foi a despedida da cultura do café em muitas propriedades e a mandioca gradativamente começou a ocupar esses espaços e se tornou uma importante alternativa econômica, principalmente nas regiões Noroeste e Oeste do Paraná. Atualmente, o Estado conta com 42 fecularias que representa uma capacidade instalada de 14.225 t/dia de mandioca em raiz ou 70% do parque industrial nacional. (TABELA-6)

TABELA – 6 FECULARIAS EXISTENTES E CAPACIDADE INSTALADA

ESTADOS	2016		2017		
	CAPACIDADE (t/dia)	% BR	CAPACIDADE (t/dia)	% BR	VARIAÇÃO %
PARANÁ	13.790	70,4	14.225	68,7	3,2
MATO G. DO SUL	3.790	19,3	4.270	20,6	12,7
SÃO PAULO	1.560	8,0	1.530	7,4	-1,9
SANTA CATARINA	460	2,3	468	2,3	1,7
BAHIA			200	1,0	n.d
TOTAL BRASIL	19.600	100,0	20.693	100,0	5,6

FONTE:CEPEA,SEAB/DERAL

Além das 12 fecularias, o Paraná conta com cerca de 50 indústrias de farinha que tem a capacidade de produzir aproximadamente 350 mil toneladas do produto.

Sua localização também predomina nos Núcleos Regionais de Paranavaí, Campo Mourão, Umuarama e Toledo. O trabalho das farinheiras é mais intensificado em períodos de seca nos estados do Nordeste, que demandam grandes quantidades de farinha paranaense.



A mandioca é cultivada em todos os municípios do Paraná, porém a maior concentração ocorre nos Núcleos Regionais de Umuarama (36%), Paranavaí (27%), Campo Mourão (9%) e Toledo (6%). Nestas Regiões predominam as variedades destinadas à transformação industrial, fécula ou farinha e no restante do Estado a mandioca de mesa, destinada ao consumo humano e animal. A mandioca destinada ao consumo humano ou animal é cultivada em áreas reduzidas, com pouca tecnologia e a comercialização geralmente é praticada nos supermercados ou em feiras livres. (TABELA-7)

TABELA – 7 MANDIOCA PARANÁ – ÁREA E PRODUÇÃO NOS PRINCIPAIS NÚCLEOS REGIONAIS

NÚCLEOS REGIONAIS	SAFRA 2017/18		SAFRA 2018/19		B/A %
	ÁREA (ha) (A)	PRODUÇÃO (t)	ÁREA (ha) (B)	PRODUÇÃO(t)	B/A %
UMUARAMA	55.000	1.458.000	55.000	1.458.000	0,0
PARANAVAÍ	33.000	898.000	40.800	959.000	23,6
CAMPO MOURÃO	12.000	285.000	13.000	299.000	8,3
TOLEDO	9.300	244.000	9.300	270.000	0,0
CURITIBA	7.770	155.000	7.900	160.000	1,7
MARINGÁ	5.500	134.000	6.600	165.000	20,0
OUTROS	19.430	402.000	18.100	379.000	(6,9)
TOTAL PARANÁ	142.000	3.576.000	150.700	3.690.000	6,1

FONTE: SEAB/DERAL



MÃO DE OBRA

Atualmente, este item representa um dos fatores mais importantes na redução da área plantada com a mandioca, em nosso Estado. É bastante nítida esta questão da escassez de mão de obra no campo, ao passo que nem mesmo a excepcional rentabilidade econômica dos dois últimos anos conseguiu alavancar aumento de plantio. No Paraná, a escassez de mão de obra exerceu certa influência na saída do algodão para outros Estados, na quase extinção do café e agora é um dos entraves que limita o cultivo de mandioca.

Apesar do avanço da mecanização, o uso de mão de obra no cultivo de mandioca ainda representa o maior percentual na composição do custo de produção, alcançando entre 50% e 60%. Na safra de 2017/18 foram cultivados cerca de 125.000 há com a cultura de mandioca e utilizando-se um coeficiente de 0,2 homem por hectare, a cultura contribuiu com aproximadamente 25.000 empregos. Portanto, a cultura de mandioca ainda exerce grande influência no emprego e na manutenção do homem no campo.



RENTABILIDADE ECONÔMICA

Com a elevação dos custos de produção, a maioria dos produtos, especialmente os de cesta básica ou de produção em escala reduzida não conseguem uma renda satisfatória. Já no caso de mandioca, a atividade foi altamente eficaz, com os preços em alta e superando em larga escala quaisquer outras explorações em pequenas propriedades.

Este período que foi registrado durante as duas últimas safras, proporcionou rentabilidades econômicas positivas em todos os meses de comercialização. Considerando esta excelente performance dos preços recebidos pelos produtores, a rentabilidade econômica atingiu seu auge durante o mês de janeiro de 2018; com 160% sobre o custo variável e de 96 % sobre o custo total de produção. Registre-se ainda que nas duas últimas safras, a produção brasileira de mandioca atingiu o menor volume, causado pela redução no plantio e seca no Nordeste, o que desencadeou essa disparada de preços.



PREÇOS

A questão de preços é a variável mais importante na análise dos produtores, antes de decidirem quando e quanto plantar. Durante o ano de 2015, a comercialização de mandioca e seus principais derivados marcou um período de muita dificuldade. A fécula e a farinha chegou abaixo dos preços mínimos garantidos pelo Governo Federal, havendo inclusive a interferência da CONAB na compra desses produtos.

Passado aquele ano difícil e com redução de plantio e de produção, os três últimos anos foram coroados de pleno êxito. Durante o mês de setembro de 2018, os produtores receberam em média de R\$ 465,00/t de mandioca posta na indústria. A fécula no atacado foi comercializada a R\$ 67,00/sc de 25 kg e a farinha por R\$ 88,00/sc de 50kg. (Gráfico 2 e 3)

GRÁFICO 2 – PARANÁ – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DA MANDIOCA EM RAIZ SET 2017 a SET 2018* – R\$/t

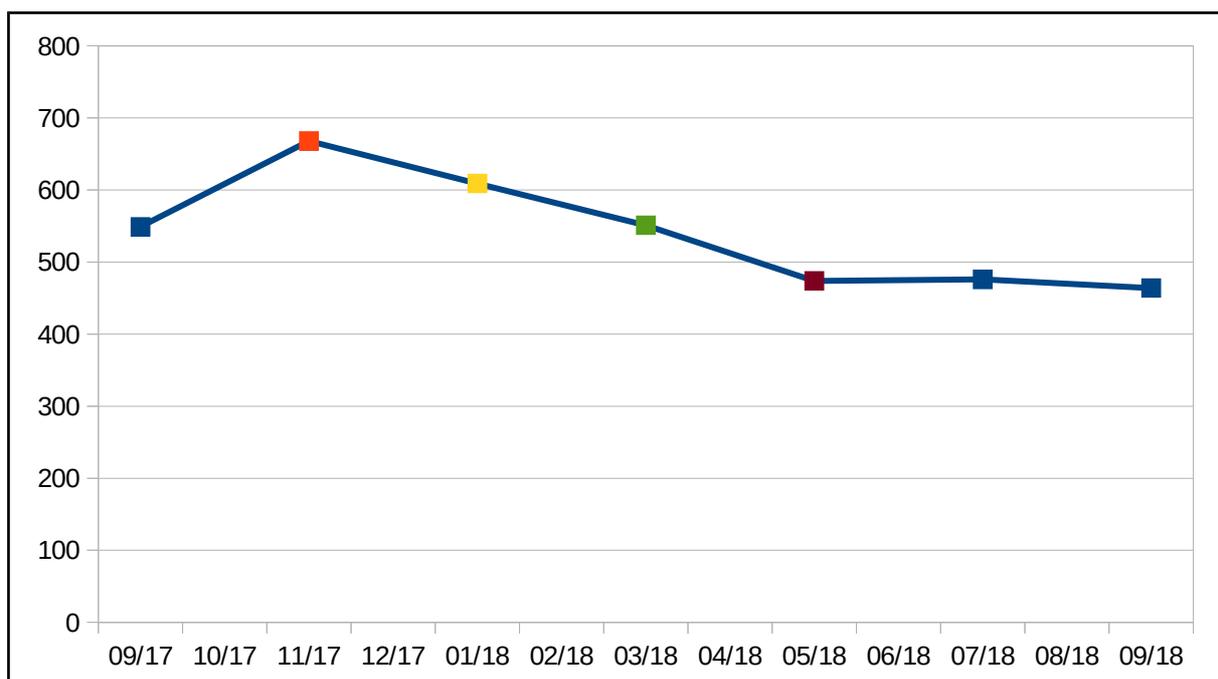
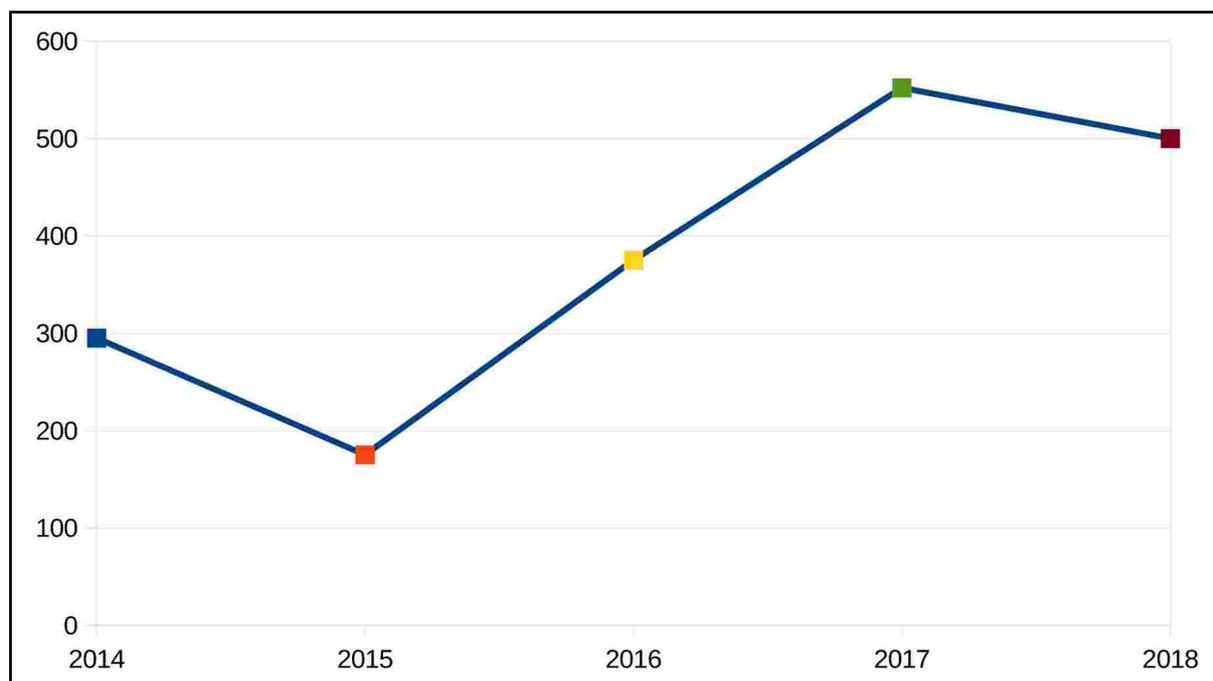




GRÁFICO 3 – PARANÁ – MANDIOCA – MÉDIA ANUAL DOS PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES 2014 a 2018* – R\$/t



FONTE: SEAB/DERAL

* Janeiro a Outubro

PROGNÓSTICO

Pela análise dos itens já descritos anteriormente, a cultura de mandioca registra o seu maior período de excelentes preços. São três safras consecutivas em que produtores, industriais e atacadistas trabalham com excelentes margens de lucros. Isto, porém, não foi suficiente para alavancar o aumento de plantio, tanto no Paraná como nas demais Regiões do País.

No Paraná a área de mandioca sofreu uma acentuada redução após a safra de 2014/15, quando os preços atingiram limites inferiores aos garantidos pelo Governo Federal. Além deste desestímulo, o sucesso na produção e comercialização da soja e também do milho, está absorvendo maiores quantidades de terras em detrimento da cultura de mandioca. Vale ressaltar que essas culturas são de ciclo curto, em média de 4 meses contra uma média de 12 a 18 meses nos cultivos da mandioca.



Dado ao sucesso da soja e milho, os arrendamentos das terras, principalmente no Noroeste do Paraná sofreram elevados aumentos e com isso os produtores de mandioca começam a migrar para outros Estados como Mato Grosso do Sul com grande disponibilidade de terras, geralmente em pastos degradados, os produtores de mandioca encontram mais facilidade e os preços são relativamente baixos comparando-se aos do Paraná.

O cenário atual é muito semelhante ao do ano passado, com todos os segmentos da comercialização operando com bons lucros e principalmente os produtores que pelo 3º ano consecutivo estão satisfeitos. Mesmo assim, o setor não espera que haja um significativo aumento na área a ser plantada na safra de 2018/19, basicamente em função de: a

O primeiro levantamento realizado pelos técnicos do Departamento de Economia Rural – DERAL indica uma área de plantio para a próxima safra de 2018/2019 de 154.000 há e uma produção da ordem de 3.800.000 toneladas de mandioca em raiz. Caso esta previsão se confirme, o Paraná terá um aumento na área de plantio de 8% e de 11% na produção, comparativamente à safra do ano passado.